

A ERA DA VIGILÂNCIA DIGITAL: O MONOPÓLIO DAS BIG TECHS E A MERCANTILIZAÇÃO DOS DADOS PESSOAIS

Alexandre Rodizio Bento¹; João Barros Guatura da Costa²; Luiz Fernando Corcini³.

¹Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Curitiba, Paraná. <http://lattes.cnpq.br/2681054897122393>

²Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Curitiba, Paraná. <https://lattes.cnpq.br/018375227804365>

³Universidade Cesumar (UNICESUMAR), Curitiba, Paraná. <http://lattes.cnpq.br/9663417897564649>

PALAVRAS-CHAVE: Mercantilização de dados pessoais. Big Techs. Capitalismo de Vigilância.

ÁREA TEMÁTICA: Inovação e Tecnologia

DOI: 10.47094/IIICONACON.2025/RE/12

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o monopólio exercido pelas grandes empresas de tecnologia, conhecidas como Big Techs (Google, Meta, Amazon, Apple e Microsoft), e seu profundo impacto na sociedade contemporânea, centrado na violação estrutural de dados pessoais. O artigo investiga como essas corporações consolidaram seu poder por meio de estratégias como aquisições agressivas (FTC, 2021), oferta de serviços supostamente gratuitos e exploração de lacunas regulatórias (EDPB, 2023), estabelecendo um modelo de negócio baseado em que Zuboff (2021) denominou de ‘capitalismo de vigilância’. Ademais, discute-se como a coleta massiva de dados permitiu não apenas a monetização da experiência humana, mas também a amplificação de práticas de manipulação comportamental e influência social em larga escala. Por fim, examina-se o papel da inteligência artificial (IA) na aceleração desses processos, aprofundando riscos éticos e desafios regulatórios inéditos. O estudo estrutura-se a partir de uma análise teórica do fenômeno e de uma pesquisa empírica sobre a percepção pública acerca dessas questões, concluindo pela urgência de maior escrutínio público e de um marco regulatório específico para conter os abusos decorrentes dessa concentração de poder digital.

OBJETIVO

O objetivo central deste trabalho é analisar o monopólio das Big Techs e seu impacto na sociedade a partir da violação estrutural de dados pessoais, investigando as estratégias de consolidação de poder, o modelo de negócio baseado no capitalismo de vigilância e os efeitos sociais decorrentes, como a manipulação comportamental. Adicionalmente, busca-se examinar o papel da inteligência artificial na aceleração desses processos e avaliar,

por meio de uma pesquisa de percepção pública, o nível de consciência e as atitudes dos usuários frente a essa realidade.

METODOLOGIA

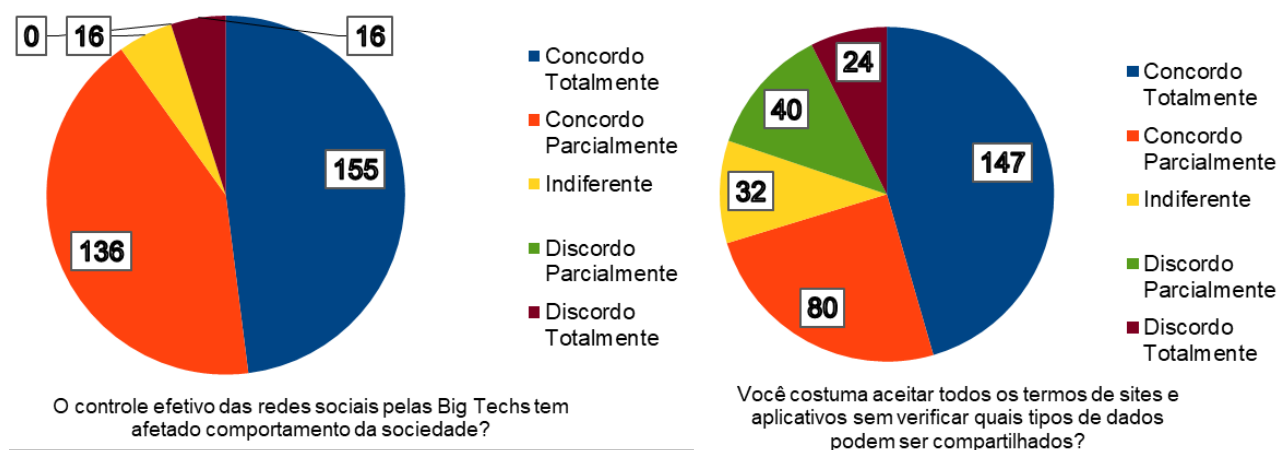
Para atingir os objetivos propostos, foi conduzida uma pesquisa quantitativa, seguindo a abordagem proposta por Gil (2022), que caracteriza este tipo de estudo como adequado para investigações que visam à quantificação de opiniões, atitudes e características de uma população. Quanto à abordagem, natureza, objetivos e procedimentos foram eles quantitativo, aplicada, descritiva e pesquisa de levantamento, respectivamente.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado aplicado a 323 participantes, selecionados por acessibilidade. Como instrumento de mensuração, utilizou-se a Escala Likert de 5 pontos, fundamentada nas orientações de Babbie (2016). As questões foram elaboradas para avaliar quatro dimensões principais: a percepção do monopólio e controle exercido pelas Big Techs; a atitude em relação à regulamentação governamental da internet; a compreensão sobre a economia de dados e sua lucratividade; e os comportamentos e preocupações relativos à privacidade digital. Os dados coletados foram analisados por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências e percentuais para cada item da escala, procedimento metodológico recomendado por Creswell (2021) para pesquisas que buscam mapear percepções e tendências em grupos específicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa quantitativa, baseada em um questionário com 10 questões na Escala Likert aplicado a 323 participantes, revelaram padrões significativos sobre a percepção pública em relação ao monopólio das Big Techs, conforme Figuras 1 e 2.

Figura 1: Gráficos indicando respostas da pesquisa

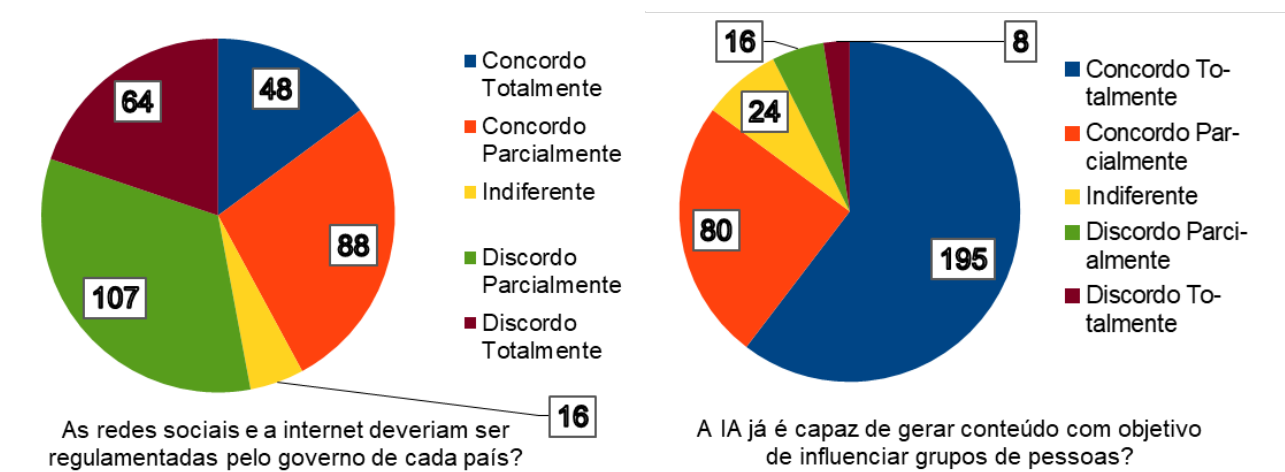


Fonte: Os autores (2025).

Com base nos dados coletados, analisando alguns dos resultados obtidos das perguntas, observa-se uma percepção majoritária e consistente sobre o impacto e o modelo econômico das Big Techs. Quando questionados se o controle efetivo das redes sociais por essas empresas tem afetado o comportamento da sociedade, 90% dos participantes confirmaram essa influência, sendo 48% com concordância total e 42% com concordância parcial.

Identificou-se também o chamado 'Paradoxo da Privacidade', fenômeno amplamente discutido na literatura sobre o tema (SOLOVE, 2024). Enquanto há clara compreensão dos riscos, a maioria (70%) admite aceitar os termos de uso de sites e aplicativos sem lê-los ou fazê-lo apenas parcialmente. Este resultado evidencia uma desconexão crítica entre a consciência do risco e a ação prática, onde a conveniência ou a resignação superam a preocupação com a privacidade.

Figura 2: Gráficos indicando respostas da pesquisa 2.



Fonte: Os autores (2025).

A questão sobre a regulamentação governamental da internet revelou a opinião pública mais dividida, com 53% discordando da medida contra 42% que a apoiam. Esta divisão ilustra o dilema entre a necessidade percebida de conter os abusos das corporações e o receio de censura ou ineficiência por parte do Estado.

Por fim, os entrevistados demonstraram grande preocupação com o papel da Inteligência Artificial, com 85% acreditando que a IA já é capaz de gerar conteúdo para influenciar grupos de pessoas.

Em síntese, os dados apontam para uma população consciente do poder, do modelo de negócio e dos riscos associados às Big Techs. No entanto, a desconexão entre essa consciência e a prática digital (o paradoxo), somada à divisão sobre a solução regulatória, ilustra a complexidade do desafio em traduzir a preocupação pública em ações individuais

de autoproteção e em demandas coletivas por mudanças estruturais efetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho sugere que o monopólio das Big Techs parece transcender uma simples dominância de mercado, configurando-se como um fenômeno de aparente impacto social, político e ético. A partir da investigação realizada, pode-se considerar que a consolidação desse poder teria ocorrido por meio de uma combinação estratégica de inovações tecnológicas, e um modelo de negócios que transforma dados pessoais em mercadoria - o “capitalismo de vigilância”.

Os dados e referências analisados indicam que esta estrutura poderia permitir não apenas a exploração econômica dos usuários, mas também formas sutis e escaláveis de manipulação comportamental, conforme ilustrado pelo experimento de contágio emocional do Facebook e pela lógica de engajamento a qualquer custo. A inteligência artificial surge neste contexto como um potencial amplificador desses riscos, seja pela coleta de dados em escala sem precedentes, pela geração de conteúdo persuasivo ou pelo possível comprometimento de leis de proteção de dados. A pesquisa de percepção pública realizada indicou certa conscientização por parte dos usuários sobre o poder e a influência das Big Techs, embora esta compreensão não pareça refletir-se integralmente em práticas individuais de proteção de dados, o que tenderia a corroborar a noção do “paradoxo da privacidade”.

Diante do exposto, os resultados obtidos permitem inferir que a concentração de poder digital nas mãos de poucas corporações pode representar uma ameaça em potencial à autonomia individual, à privacidade e aos processos democráticos. Neste sentido, os achados apontam para a relevância de discutir a implementação de marcos regulatórios mais robustos e transnacionais, bem como a promoção de literacia digital crítica e o fomento a alternativas tecnológicas que possam equilibrar melhor os direitos humanos com a lógica extrativista. O futuro da privacidade e da equidade digital provavelmente dependerá não apenas de respostas técnicas, mas também de um contínuo debate ético e político sobre a submissão do poder tecnológico ao interesse coletivo.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

- BABBIE, Earl. **The Practice of Social Research**. 14. ed. Belmont: Cengage Learning, 2016.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 4. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.
- EDPB - EUROPEAN DATA PROTECTION BOARD. **Urgent Binding Decision** 01/2023... 1 nov. 2023.
- FTC. FTC Alleges Facebook Resorted to Illegal Buy-or-Bury Scheme... 19 ago. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

SOLOVE, Daniel J. The future of privacy and artificial intelligence. Nova York: **Academic Press**, 2024.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.